

FRASEOLOGIA PORTUGUESA: ALGUMAS PERSPECTIVAS DE PESQUISA

Quando, em 1909, Charles Bally, discípulo de Saussure, publicou o “*Traité de Stylistique française*” provavelmente não vislumbrava que um capítulo da sua obra viria a fundar uma nova disciplina linguística: os estudos fraseológicos. Sob o título de “*Action de l'instinct étymologique et analogique dans l'analyse des locutions composées*” consagrou umas vinte páginas às chamadas *locutions fraseológicas*. Entendia por este termo grupos usuais de palavras pertencendo a duas categorias: as unidades fraseológicas e as séries fraseológicas¹. Enquanto os elementos das séries apenas são ligados entre si pelo uso,

silêncio profundo, preço elevado, multa avultada
chamar atenção, a última palavra, uma migalha de esperança

as unidades —como já o sugere o nome— formam um todo; no plano semântico, isto quer dizer que os formantes não contribuem para o significado do grupo. Assim não há relação nenhuma entre o significado de cada componente e o sentido do grupo, e na maioria dos casos, os componentes não se devem substituir nem por outros de sentido semelhante:

esticar o pernil “morrer”
**estender o pernil*
cair como um pato “deixar-se enganar”
**tropeçar como um pato*

Em algumas unidades aparecem palavras que já não se usam em outros contextos e cujo sentido é por vezes difícil de descrever:

sem dizer chus nem bus “nem uma só palavra, nada” (etimologia obscura)
de lés a lés “de lado a lado” (do ant. fr. *lez* “lado” < LATU)
de cor “de memória” (do lat. COR “coração”)

Outro critério é o da equivalência a uma palavra, que é válido também para uma categoria intermédia, as chamadas séries verbais:

alcançar vitória – vencer
tomar uma decisão – decidir
dar um passeio – passear.

¹ Devemos a Manuel Rodrigues Lapa a aplicação à língua portuguesa das teorias de Bally; foi também Lapa que forjou a terminologia portuguesa traduzindo os termos do francês. Veja-se: Lapa 1979, 75–91. Além desta terminologia utilizam-se no português também o termo mais geral de *locução*, os derivados do grego *idioma* (*idiotismo*, *locução idiomática* etc.) assim como uma outra tradução do francês, *lexia complexa* (isto é a *lexie complexe* de Pottier 1967).

Desconhecidas praticamente na Europa central, estas ideias serviram, a partir dos anos 30, de base para a constituição de uma subdisciplina da lexicologia na antiga União Soviética. Os pesquisadores da Europa de leste completaram as teorias do linguista suíço e esforçaram-se sobretudo por melhorar a classificação do inventário fraseológico de várias línguas, nomeadamente do russo, do inglês e do alemão.

Um pouco mais tarde e independentemente das pesquisas realizadas no leste, a linguística transformacional chomskiana fixou a sua atenção nos *idioms*, tratando do problema da integração deles num modelo linguístico generativo. A gramática transformacional, que —como sabemos— pretendia ser uma fiel representação do funcionamento da linguagem e da sua aquisição, esbarra na dificuldade de explicar a produção de frases em que a relação entre estrutura e sentido se encontra particularmente distorcida. (cf. Weinreich 1969)

Foi no quadro da linguística cognitiva que se conseguiu solucionar este problema; aceitou-se o facto de o léxico, isto é léxico mental, também compreender elementos que se podem formar livremente a partir das regras gramaticais da língua em questão. O que a gramática transformacional e uma parte do estruturalismo europeu (Coseriu) tinham rejeitado por causa da redundância e da economia do modelo linguístico, deve fazer parte do léxico porque, só assim, se pode usar a língua corrente.

Antes de abordarmos os problemas e correntes actuais da pesquisa no âmbito da fraseologia cabe ainda apresentar a mais recente tentativa feita para conseguir uma adequada descrição do inventário fraseológico, baseada nos resultados acima referidos e que nos servirá de ponto de partida:

Em 1982 o germanista alemão (ex-RDA) Wolfgang Fleischer propôs uma descrição a partir de três características fundamentais: Segundo ele, os itens que formam a fraseologia de uma língua são marcados pela **lexicalização**, pela **estabilidade** léxico-semântica da sua estrutura assim como pela **idiomaticidade** do seu sentido. Conforme a co-ocorrência ou não destas três qualidades distingue-se o centro da periferia do inventário fraseológico. Aplicado primeiro à língua alemã, este modelo tem sido utilizado sistematicamente para o francês e recentemente para a língua portuguesa (cf. Hundt 1994 a + b).

A lexicalização

É o facto de um grupo de lexemas entrar no léxico. Explica-se a lexicalização pela necessidade de criar uma nova unidade de denominação. A par do empréstimo semântico ou lexical e da formação de palavras a lexicalização de sintagmas é um dos aspectos do enriquecimento do inventário de conceitos. Em fraseologia a necessidade de criar novas unidades de denominação por vezes não parece óbvia, e assistimos a um perpétuo aumento sinonímico, sobretudo no campo das noções básicas (morte, sexualidade, crime etc.).

Raramente a lexicalização se faz sem modificações a nível morfológico, fonológico ou morfossintáctico: assimilação fonológica (*água ardente* > *aguardente*), petrificação da ordem das palavras (*sexo fraco* e não **fraco sexo*; *de corpo e alma* e não **de alma e corpo*), mudança de género gramatical (*um cabeça no ar*, *um unhas de fome*). Embora não haja sempre modificação a nível do signifiant, é certo que a lexicalização está sempre ligada a uma mudança semântica, quase despercebida em certos casos (*a última palavra*),

mas frequentemente tão marcada que o sentido já não se pode deduzir da forma (*uma pomba sem fel*).

Já falámos na distinção entre o léxico como componente do modelo transformacional e o chamado léxico mental que é o conjunto de todas as lexemas de que um falante dispõe. Do ponto de vista da linguística cognitiva devem considerar-se “lexicalizadas” também sintagmas susceptíveis de terem sido formados conforme regras produtivas da gramática: assim, a co-ocorrência de (*em*) *claro* com *passar a noite* é um aspecto da acumulação desta unidade no léxico mental, ainda que obedeça a um padrão sincronicamente produtivo (cf. *deixar, passar alg. c. em claro*).

Lexicalização significa reprodução e não produção criadora; daí outro termo, proposto por Coseriu, para designar a fraseologia: discurso repetido.

Estabilidade

Os adeptos de Chomsky admiraram-se muito da reduzida transformabilidade das locuções idiomáticas. Embora a maioria delas assuma estruturalmente as mesmas características que qualquer sintagma livre, não podem ser sujeitas a transformações (morfo-)sintáticas: a substituição de formantes (veja acima), a nominalização (*misturar alhos com bugalhos* > **a mistura de alhos com bugalhos*), a transformação numa frase relativa ou na voz passiva (*?os alhos que ele misturou com bugalhos...*; *?alhos foram misturados com bugalhos...*) são algumas das operações capazes de causar estranheza.

Chafe 1968 deu uma boa explicação para este fenómeno, alegando que as transformações apresentam resultados inadmissíveis no caso de elas afectarem componentes que não estão presentes semânticamente.

Devemos, porém, relativizar essa característica porque sabemos bem que em contextos determinados e com o objectivo de produzir um efeito especial no leitor quase todas as restrições podem ser violadas; entramos aqui no âmbito da linguística textual, da estilística e do jogo de palavras.

Outro aspecto da estabilidade léxico-semântica, além da chamada *transformational deficiency*, é o facto de algumas locuções conservarem camadas mais antigas da língua. Deste fenómeno, que o próprio Bally frisara, já demos uns exemplos. Em línguas cuja sintaxe sofreu importantes evoluções diacrónicas observamos também restos de sintaxe mais antiga. É por exemplo o caso do francês *sans coup férir* (prep. – O – V em vez da ordem actual prep. – V – O). Resultantes da petrificação das locuções, estes arcaísmos contribuem ainda para a estabilidade.

Idiomaticidade

Um dos princípios fundamentais da semântica é o da composicionalidade. Reza que o sentido de um enunciado composto se descreve por uma função dos sentidos dos elementos em jogo. Vejamos dois exemplos:²

² A ilustração um pouco *matemática* da estrutura semântica inspira-se de Weinreich 1969.

(1) *grupo líder*

$$\frac{sé_1}{sa_1} + \frac{sé_2}{sa_2} = \frac{sé_{(1+2)}}{sa_1 + sa_2}$$

(2) *esticar o pernil*

$$\frac{sé_1}{sa_1} + \frac{sé_2}{sa_2} = \frac{sé_x}{sa_1 + sa_2}$$

Em (1), apesar de ser arbitrária a relação *sa* – *sé*, o sentido do composto é inteligível a partir dos componentes. Trata-se de motivação secundária.

(2) é o exemplo de um enunciado em que esse princípio está suprimido: nenhum dos elementos contribui para o sentido do grupo: a **idiomaticidade é completa**.

No entanto, existem expressões em que apenas um dos elementos sofreu uma mudança de sentido; chama-se-lhes locuções idiomáticas com **idiomaticidade parcial**.

jurar a pés juntos

ser recebido com sete pedras na mão

apanhar alguém com a boca na botija

Ainda que as locuções idiomáticas careçam de motivação no sentido linguístico, existe algo como uma motivação subjectiva, sobretudo nos casos de metáfora transparente (ex.: *ser a gota de água que faz transbordar o copo*): a imagem que está na base da locução serve de suporte e cria no locutor a impressão de que a relação entre imagem e sentido só pode ser assim. Mas, se não soubessemos que (*estar*) *com a boca na botija* estava relacionado com um acto ilícito ou imoral não nos parecia tão acertada para designar tal situação!

Além das locuções idiomáticas há grupos em que a irregularidade (a não composicionalidade) não provém de uma transposição semântica (metáfora, metonímia, sinédoque): Sinonímia ou antonímia podem ter um papel relevante: *são e salvo*, *ao fim e ao cabo* (acumulação de sinónimos), *por tudo e por nada* (antónimo a realçar o sentido).

É suficiente este pequeno passeio pelos problemas gerais da pesquisa fraseológica para apresentar agora três ramos importantes da actividade científica no âmbito da fraseologia. Não se trata de traçar a panorâmica das pesquisas já efectuadas mas sobretudo de apontar campos de acção que às vezes são terrenos incultos para o lusitanista. Consequência de uma escolha confessadamente subjectiva, frisamos, neste trabalho, os aspectos práticos do tema, nomeadamente a lexicografia, não dando conta de estudos que têm o objectivo de esclarecer os mecanismos que condicionam as transformações de locuções em textos jornalísticos ou literários, nem da comparação dos inventários fraseológicos das variedades diatópicas do português (Portugal/Brasil/PALOPs).

1. Fraseologia e lexicografia

Qual é a função de um dicionário? Para o estrangeiro tal como para o lusófono serve para remediar os defeitos do léxico mental. Do ponto de vista do usuário que tem de fazer uma tradução para a sua língua materna ou que quer simplesmente perceber bem um texto

na língua estrangeira, um bom dicionário desempenha esta função se der definições acertadas das palavras, acompanhadas eventualmente de informações sobre o nível de linguagem a que pertencem.

A situação do usuário que tenciona redigir um texto na língua estrangeira ou que traduz para o idioma que não é a sua língua materna é diferente porquanto necessita também de informações sobre a classe morfossintáctica, a compatibilidade semântica com outras palavras e a valência – sem falar da ortografia.

O que vale para lexemas simples afecta tanto mais as locuções idiomáticas. Juntam-se a essas exigências as particularidades que discutimos acima; por conseguinte, a descrição lexicográfica das locuções idiomáticas deve abranger também a **transformabilidade** e a **variabilidade morfossintáctica** conforme o contexto (cf. Kjær 1987, 167 ff.). Outras questões difíceis de resolver: a forma de base, a integração na micro-/macro-estrutura dum dicionário (palavra de entrada).

Vejamos uns exemplos ilustrativos:

Costuma-se aconselhar a estudantes de português a utilização de dicionários unilíngues. É o “Dicionário da Língua Portuguesa” (Porto Editora) que goza do privilégio de ser aquele que com maior frequência se escolhe. A perspectiva de um estudante avançado de um idioma estrangeiro, perante um dicionário unilíngue, deve, quanto à nós, estar ligada ao mais elevado nível de exigência. Tomemos essa perspectiva na nossa pequena análise de exemplos tirados ao acaso do DLP:

(1) *esticar o pernil*

Esta locução que pertence ao registo popular mostra perfeitamente a dificuldade de integrar grupos com idiomaticidade completa. O DLP optou por uma dupla entrada: encontra-se nos artigos *pernil* e *esticar*. Mas só em *esticar* é que se dá a indicação do nível de linguagem (pop.). Quem consultar a locução sob a palavra de entrada *pernil* poderia supor uma equivalência total —denotativa e diastrática— com *morrer*.

(2) *fazer crescer água na boca/crescer água na boca*

Encontram-se apenas no artigo *boca*, acompanhadas das seguintes definições: “ser apetitoso/desejar ardentemente”. Para a segunda forma seria desejável ter um exemplo que esclareça as dúvidas quanto à integração gramatical (*água na boca* é sujeito gramatical).

(3) *castelos no ar*

entra no artigo *castelo* e tem por definição *fantasias*. Faltam as combinações usuais *fazer/construir...*, o que reforça ainda a impressão de que se trata de um SN polifuncional (é o caso).

(4) *mão de ferro*

Definido com *opressor*, está no artigo *mão*. Aqui também se pode presumir a polifuncionalidade como SN. Faltam indicações acerca do emprego na locução *com mão de ferro* e da mudança de género (“O governador é **um** mão de ferro”; “Os revolucionários capitularam perante **a** mão de ferro do governador”: à luz destes exemplos a definição do DLP revela-se imprecisa demais)

(5) *meter os pés pelas mãos*

tem dupla entrada (em *pé* e *mão*). Infelizmente as definições não são idênticas: “atrapalhar-se; desarrazoar” (*pé*) / “atrapalhar-se; mentir” (*mão*).

Constatamos —não só no âmbito da *fraseografia*— certo atraso da lexicografia portuguesa em comparação, por exemplo, com a lexicografia francesa ou inglesa, que se esforçaram por conseguir uma adequada descrição lexicográfica das locuções idiomáticas. São testemunhos deste empenhamento os grandes dicionários do tipo do “Petit Robert” ou do “OED”.

Infelizmente a situação dos dicionários especializados não é melhor, embora haja uma velha tradição nestas obras. Já no séc. XVIII Rafael Bluteau consagrou uma parte da sua “Prosodia in Vocabularium bilingue” às locuções idiomáticas e proverbiais, e o interesse pelos próprios provérbios é ainda mais antigo.

Os dois dicionários de fraseologia que se encontram em quase todas as livrarias portuguesas, o “Dicionário de Expressões populares” de G. A. Simões e o “Dicionário de Frases Feitas” de O. Neves, apresentam em geral as mesmas falhas como o DLP: falta de indicações acerca do nível de linguagem, definições sem exemplos de uso capazes de esclarecer as dúvidas quanto à transformabilidade etc. Longe de serem obras de referência, estes dicionários devem considerar-se curiosidades que só têm interesse para o lusófono culto, desejoso de se divertir com a riqueza, passada e actual, da sua língua materna (veja-se também a este respeito Hoepner 1993).

O “Dicionário idiomático português – alemão” (Schemann/Schemann-Dias 1981) continua sendo o único dicionário fraseológico de confiança, pois só nele as locuções dicionarizadas foram revistas com lusófonos de Portugal e do Brasil.

2. Fraseologia contrastiva

A abordagem contrastiva da fraseologia é tão variada como os objectivos científicos que se perseguem. Na lexicografia, por exemplo, tenciona-se estabelecer as equivalências interlinguais, tendo-se descoberto três tipos fundamentais: 1º A equivalência que abrange a imagem e o conteúdo semântico (port. *ficar de boca aberta* – frz. *être bouche bée* “ficar muito pasmado”) 2º uma equivalência sem correspondência, nem a nível dos componentes, nem da imagem (frz. *prendre des vessies pour des lanternes* – port. *comer gato por lebre*) e 3º —caso raro nas línguas europeias— uma equivalência a nível da imagem a que não corresponde a equivalência semântica. Um caso intermédio é aquele em que os componentes e a imagem só divergem ligeiramente (frz. *avoir ni queue ni tête* – port. *não ter pés nem cabeça* – al. *weder Hand noch Fuß haben*).

As equivalências e divergências nos inventários fraseológicos põem-nos diante do dever de explicá-las. No que respeita às divergências, uma das explicações é o substrato cultural que influi nas imagens; compreende-se, pois, que um português, quando estúpido, *tem areia na cabeça* e que um austríaco ou alemão prefere a *palha* (*Stroh im Kopf haben*).

Por outro lado, ao tentarmos explicar as equivalências surgem duas hipóteses: 1º metáforas idênticas são o resultado de mecanismos mentais com valor universal (dentro

do mundo ocidental, pelo menos). O grande número de locuções com o componente nominal “cabeça”, relacionadas todas com o juízo, ou as capacidades intelectuais em geral, admite a interpretação acima citada: a génese de metáforas semelhantes em várias línguas, independentemente umas das outras. 2º Como as palavras simples, também as locuções constituem empréstimos. As equivalências formais (e semânticas) mais especiais só se explicam desta maneira: fr. *mettre la main dans le feu* – port. *pôr as mãos no fogo* – al. *die Hand ins Feuer legen*; port. *sacudir o jugo* – fr. *secouer le joug* – al. *das Joch abschütteln*; port. *saltar aos olhos* – fr. *sauter aux yeux*; port. *ser da mesma farinha* – fr. *être de la même farine*; port. *fazer a ponte* – fr. *faire le pont* etc.

Já nos anos trinta um pesquisador escandinavo (Tallgren–Tuulio 1932) apresentou um estudo apontando os caminhos mais importantes da divulgação das locuções. Trata-se quase sempre de uma peregrinação do sul para o norte, do grego ou latim da antiguidade para as línguas europeias do Renascimento, nomeadamente para o francês. Mas também locuções criadas nos tempos modernos foram emprestadas mutuamente pelas línguas europeias.

Perante a constatação de P. Teyssier, na sua “História da Língua Portuguesa”, que “em síntese, quase toda a fraseologia do português contemporâneo sofreu influência do francês.” (Teyssier 1990, 74) faz falta um estudo —paralelo aos que foram feitos acerca do léxico no sentido restrito (por ex. Messner 1990)— que se dedique à esta parte do léxico e forneça as informações que os dicionários não dão.

Outro ramo é aquele que parte da hipótese segundo a qual o sistema fraseológico reflectiria a organização interna da língua em questão. Assim, quanto mais uma língua é analítica, exprimindo as funções lexicais e gramaticais separadamente, tanto o sistema fraseológico dela seria regular, tendo muitas variantes lexicalizadas (cf. *comer do mesmo prato, da mesma gamela, do mesmo tacho*) ou aspectuais, componentes que aparecem com grande frequência (i.e. em muitas locuções), um número reduzido de elementos únicos etc. Esta hipótese que se baseia metodologicamente na linguística dos universais já foi aplicada às línguas alemã, inglesa e holandesa (Dobrovolskij 1988) e deu resultados interessantíssimos embora os respectivos *corpus* se componham apenas de dicionários. Não obstante, mereceria a atenção dos romanistas.

3. Fraseologia e aprendizagem de L2: dos provérbios às “colocações”

Parece uma trivialidade insistir na importância da fraseologia para a aprendizagem de uma língua estrangeira. No entanto, a realidade didáctica tal como se reflecte nos manuais é bem diferente: Se as fórmulas de cortesia ou de cumprimento, meios de expressão que contribuem sobretudo para a chamada “competência comunicativa”, alcançaram uma posição incontestável no ensino das línguas estrangeiras, as locuções idiomáticas tal como os provérbios continuam a estar em plano inferior. Embora forneçam conhecimentos preciosos sobre o sistema de valores de uma cultura estrangeira, os provérbios assim como as citações literárias transformadas em lugares comuns ocupam uma posição marginal que se deve ao facto de serem considerados textos que não fazem parte da língua propriamente dita. As locuções idiomáticas têm má reputação por serem *difficeis* e além do mais *um luxo dispensável* que não vale a pena considerar nas primeiras fases da aprendizagem. Nem um nem outro argumento é pertinente: em termos de dificuldade, há partes da

gramática que põem maiores problemas (subjuntivo, tempos do passado, infinitivo pessoal etc.) e no que diz respeito ao luxo, não devemos esquecer que existem situações que apenas se podem exprimir usando locuções idiomáticas.

É com uma categoria especial de combinações lexicais que voltamos ao início deste pequeno trabalho. Trata-se das “colocações” (o termo é empréstimo do inglês *collocation*), ou melhor, grupos usuais e semanticamente transparentes de duas ou mais palavras (cf. Hausmann 1984, 398). Na terminologia de Bally são as séries fraseológicas, e constituem uma parte importante do saber lexical de que um estudante de língua estrangeira deve dispor. Enquanto o falante nativo sabe perfeitamente qual é —por exemplo— o verbo que funciona com *atenção* se for preciso exprimir a ideia de “causar” *atenção* (*chamar, despertar*) o estrangeiro hesita não conhecendo as possibilidades de combinar os lexemas da língua que apreende.

A situações idênticas ou mesmo universais como por exemplo o simples facto de *vestir-se* correspondem combinações lexicais diferentes de uma língua para outra: *vestir um casaco/calçar luvas/pôr um chapéu* vs. frz. *mettre un manteau/mettre des gants/mettre un chapeau* vs. al. *einen Mantel anziehen/Handschuhe anziehen/einen Hut aufsetzen* etc.

Estas combinações, quer se expliquem pela semântica dos lexemas, quer pelo uso (porque *chamar atenção* mas *despertar interesse*?) devem fazer parte integrante de um bom dicionário. Infelizmente, e como já aludimos mais acima, o estado da lexicografia portuguesa deixa muito a desejar. Os dicionários existentes são particularmente pobres nesses grupos (veja-se Ettinger 1987) tão importantes para quem escreve um texto ou faz uma tradução.³

Para colmatar essa lacuna trabalha-se actualmente, na Universidade de Salzburgo, num projecto de pesquisa que tem por objectivo compilar um dicionário especializado nesta área. Perante a má qualidade dos dicionários existentes, este basear-se-á principalmente num grande corpus de textos autênticos – literários, jornalísticos e outros.

Bibliografia

- Bally, Charles: *Traité de stylistique française*. Heidelberg/Paris, 21930.
- Biderman, Maria Tereza Camargo: *Dicionário de Português Contemporâneo*. Petrópolis, 1992.
- Burger, Harald: *Idiomatik des Deutschen*. Tübingen, Niemeyer, 1973 (Germanistische Arbeitshefte 16).
- Chafe, Wallace L.: “Idiomaticity as an Anomaly of the Chomskyan Paradigm” In: «Foundations of Language» 4 (1968), 109–127.

³ Também o “Dicionário contemporâneo de português” (M. T. Camargo Biderman), publicado em 1992 no Brasil, não cumpre a sua promessa de ser um “dicionário contextualizado”, embora os seus exemplos de uso constituam um grande avanço.

- Coseriu, Eugenio: *Einführung in die strukturelle Betrachtung des Wortschatzes*. Narr, Tübingen, 1973.
- Costa, Almeida J./Sampaio e Melo, A.: *Dicionário da Língua Portuguesa*. 6.a edição corrigida e aumentada. Porto, 1990.
- Coulmas, Florian: "Lexikalisierung von Syntagmen" In: Schwarze, Christoph/Wunderlich, Dieter (eds.): *Handbuch der Lexikologie*. Athenäum, Königsstein, 1985, 250–268.
- Dobrovolskij, Dimitrij: *Phraseologie als Objekt der Universalienlinguistik*. VEB Verlag Enzyklopädie, Leipzig, 1988.
- Ettinger, Stefan: "Einige 'apontamentos' zur modernen zweisprachigen Lexikographie Deutsch–Portugiesisch und Portugiesisch–Deutsch" In: «VR» 46 (1987), 180–247.
- Fleischer, Wolfgang: *Phraseologie der deutschen Gegenwartssprache*. Bibliographisches Institut, Leipzig, 1982.
- Fraser, Bruce: "Idioms within a Transformational Grammar" In: «Foundations of Language» 6 (1970), 22–42.
- Gréciano, Gertrud (ed.): *Europhras 88. Phraséologie contrastive. Actes du Colloque International Klingenthal-Strasbourg*. Univ. des Sciences Humaines, Strasbourg, 1989.
- Hausmann, Franz Josef: "Un dictionnaire des collocations est-il possible?" In: «TraLiLi» 17 (1979) 1, 187–195.
- Hausmann, Franz Josef: "Wortschatzlernen ist Kollokationslernen. Zum Lehren und Lernen französischer Wortverbindungen" In: «Praxis des neusprachlichen Unterrichts» 31 (1984) 4, 395–406.
- Häusermann, Jürg: *Phraseologie. Hauptprobleme der deutschen Phraseologie auf der Basis sowjetischer Forschungsergebnisse*. Niemeyer, Tübingen, 1977.
- Hoepner, Lutz: "Zum Stand der portugiesischen Lexikographie" In: Messner, Dieter/Axel Schönberger (eds.): *Studien zur portugiesischen Lexikologie. Akten des 2. gem. Kolloquiums der deutschsprachigen Lusitanistik und Katalanistik*. Frankfurt/M., TFM, DEE, 1993, 43–59.
- Hundt, Christine: "Portugiesisch: Phraseologie" In: «LRL» VI,2, 204–216 (=1994a).
- Hundt, Christine: *Untersuchungen zur portugiesischen Phraseologie*. Egert, Wilhelmsfeld, 1994 (pro lingua 18) (=1994b).
- Kjær, Anne Lise: "Zur Darbietung von Phraseologismen in einsprachigen Wörterbüchern des Deutschen aus der Sicht ausländischer Textproduzenten" In: Korhonen, Jarmo (ed.): *Beiträge zur allgemeinen und germanistischen Phraseologieforschung. Internat. Symposium in Oulu, 13. – 15. 6. 1986*. Oulu, 1987, 165–181.
- Kohn, Kurt: "Bemerkungen zur Kollokationsproblematik" In: Anschütz, Susanne R. (ed.): *Texte, Sätze, Wörter und Moneme. Festschrift für Klaus Heger zum 65. Geburtstag*. Orientverlag, Heidelberg, 1992, 369–387.
- Lapa, M. Rodrigues: *Estilística da Língua portuguesa*. Coimbra, 1979.
- Löffler–Laurian, Anne–Marie/Pinheiro–Lobato, Lucia/Tukia, Marc: "Pour une étude contrastive des lexies complexes: cas particulier des lexies à chiffres en français, portugais et finnois" In: «Cahiers de lexicologie» 34 (1979) 1, 61 – 86.

- Messner, Dieter: *História do Léxico Português*. Winter, Heidelberg, 1990.
- Neves, Orlando: *Dicionário popular de frases feitas*. Lello & Irmão, Porto, 1991.
- Pottier, Bernard: *Présentation de la linguistique. Fondements d'une théorie*. Klincksieck, Paris, 1967.
- Schemann, Hans: *Das idiomatische Sprachzeichen. Untersuchung der Idiomatizitätsfaktoren anhand der Analyse portugiesischer Idioms und ihrer deutschen Entsprechungen*. Niemeyer, Tübingen, 1981 (Beihefte zur ZRPh 183).
- Schemann, Hans/Schemann-Dias, L.: *Dicionário idiomático português-alemão / Portugiesisch-deutsche Idiomatik. Die portugiesischen Idioms, ihr Gebrauch in Brasilien und ihre Entsprechung im Deutschen*. Hueber, München, 1979.
- Simões, Guilherme Augusto: *Dicionário de Expressões populares portuguesas*. Lisboa, 1991.
- Tallgren-Tuulio, O. J.: "Locutions figurées calquées et non-calquées. Essai de classification pour une série de langues littéraires" In: «Mémoires de la société neo-philologique de Helsingfors» 9 (1932), 279-324.
- Teyssier, Paul: *História da Língua Portuguesa*. Sá da Costa, Lisboa, 1990.
- Thiele, Johannes: "Phraseologie" In: «LRL» V,1. 88-94.
- Weinreich, Uriel: "Problems in the Analysis of Idioms" In: Puhvel, J. (ed.): *Substance and Structure of Language*. Berkeley, 1969, 23-81.

Povzetek

STALNE BESEDNE ZVEZE V PORTUGALŠČINI NEKAJ SMERNIC ZA RAZISKAVO

Prispevek tehta sodobne slovarje portugalskega jezika z vidika stalnih besednih zvez, frazeologemov. Ugotavlja, da se pravega vira stalne besedne zveze navadno zavedamo, največkrat je ta latinski, včasih pa je etimologija nejasna, na primer v zvezi *sem dizer chus nem bus*, kjer gre seveda tudi za igro glasov, prim. sl. 'ne bu ne mu'.

Avtor ugotavlja, da je frazeologem včasih pomensko enakovreden ustreznemu enostavnemu izrazu. Določiti skuša stopnje, ki jih neka besedna zveza mora preiti, da se leksikalizira in potem ustali. Pri tem opozarja na možne fonetične ali tudi morfo-sintaktične spremembe: *cabeça*, f., 'glava' proti *um cabeça no ar* 'vetrogončič'.

Nazadnje predstavlja avtor svojo vizijo enojezičnega slovarja, zmeraj z vidika stalnih besednih zvez: tudi v sicer dobrih slovarjih portugalskega jezika ni dovolj kvalifikatorjev, pa je potemtakem mogoče, da bo uporabnik (in še posebej tujec) neki izraz imel za stilno neoznačen. Slovar naj bi temeljil na obsežnem korpusu literarnih del, pa tudi na časnikarskih in drugih prakticističnih besedilih.